

A viagem à Itália: Fanny Hensel realiza seu sonho

Helen Heinzle Sathler
 UFRJ – Promus - helenheinzle@gmail.com

Resumo. Este trabalho apresenta um breve relato da vida da compositora alemã Fanny Hensel e mais especificamente sua viagem a Roma. O texto tem como base seus próprios diários e traz comentários publicados por seu filho Sebastian e outros pesquisadores. O objetivo é mostrar ao leitor a influência que a viagem exerceu sobre a compositora, libertando-a da rigidez e formalidade, transformando-a em uma compositora mais produtiva.

Palavras-chave. Fanny Hensel. Compositora. Viagem. Roma.

Title. The Trip to Italy: Fanny Hensel makes her Dream come True

Abstract. This article presents a brief report about German composer Fanny Hensel's life and more specifically her trip to Rome. The text is based on her own diaries and on comments published by her son Sebastian and other researchers. The goal is to show the reader how the trip influenced the composer, by setting her free from rigidity and formality, transforming her into a more productive composer.

Keywords. Fanny Hensel. Composer. Trip. Rom.

1. Introdução

Fanny Mendelssohn, ou Fanny Hensel, como passou a se chamar após o casamento com o pintor da corte Wilhelm Hensel, nasceu em uma família judaica em Hamburgo¹-Alemanha no dia 14 de novembro de 1805. Era a filha mais velha de Lea (pianista, desenhista, que falava francês, inglês, italiano e grego) e do banqueiro Abraham Mendelssohn e irmã do compositor Felix Mendelssohn-Bartholdy (1809-1847), além de Rebecka e Paul. Em 1811 seu pai fecha o banco e a família se muda para Berlim, cidade dos pais, fugindo da ocupação por Napoleão.

Em Berlim, Abraham abre o banco novamente, agora na Jägerstraße, e a família se estabelece na Leipzigerstraße nº 3, um casarão com seu próprio parque e uma casa de jardim, com um salão apropriado para concertos. No salão aconteciam os famosos Saraus Dominicais (*Sonntagsmusiken*) que eram uma tradição na família. Sua mãe os promovia e quando Fanny se tornou adulta, continuou a realizá-los, aproveitando para apresentar as composições do irmão e também as suas e atuar como maestrina e pianista.

Em 1816 Fanny e seus irmãos são batizados na Igreja Evangélica Reformada após uma decisão bem ponderada de seu pai. O propósito inicial era abrir portas para os filhos, já que estes como judeus, não poderiam exercer a profissão que escolhessem, nem gozar da companhia dos cristãos, fosse por imposição da sociedade como um todo ou pela comunidade

judaica, conforme nos conta o filho de Fanny, Sebastian (HENSEL, 1888, p. 5). Há algumas versões para este passo tomado por Abraham, alguns pesquisadores defendem a posição de que o pai só teria agido dessa forma por interesse social e profissional, outros defendem o fato que a conversão era genuína, como afirma musicóloga Eva Weissweiler declarando que “esse comentário é superficial e incorreto” (WEISSWEILER, 1982, p. 6) já outros julgam que a conversão seria uma postura “moral e não religiosa” (LAMPADIUS, 1886, p. 7). “Nós criamos vocês, você e seus irmãos no cristianismo, por ser a crença da maior parte das pessoas civilizadas e por não conter nada que os separe do bem, ao contrário, direciona ao amor, à obediência, à tolerância e à resignação, mesmo que seja apenas pelo exemplo de seu criador, o qual é reconhecido por tão poucos, e seguido por uma minoria”. (Tradução minha)² (HENSEL, 1888, p. 94), escreve Abraham aos filhos e mais especificamente a Fanny, por ser a mais velha, explicando a decisão.

O pai se aconselha com o irmão de sua mãe, Jakob Salomon Bartholdy, que havia se convertido ao protestantismo e este o aconselha a fazê-lo e lhe dá a ideia de adotar o nome Bartholdy para diferenciar do ramo judaico da família, o que realmente acontece. (HENSEL, 1888, p. 88).

Fanny recebeu uma sólida instrução musical juntamente com seus irmãos, mas ao contrário de Felix, seu irmão mais novo, não pôde seguir a carreira de compositora publicamente. Em uma carta, seu pai diz a seguinte frase: “A música poderá ser para ele [Felix] talvez uma profissão, enquanto para você será sempre e somente ornamento, nunca poderá ser e nunca será base de sua existência e agir” (HENSEL, 1888, p. 97) (Tradução minha)³.

Aos 15 anos Fanny conhece Wilhelm Hensel, um pintor e escritor, filho de um humilde pastor protestante e se apaixona. Além de ser um artista, com poucas possibilidades de manter o padrão de vida que ela estava acostumada, os pais também se preocupam com a diferença de idade entre eles: Wilhelm é 11 anos mais velho. Logo ele se destaca como pintor e em 1823 recebe uma bolsa do governo da Prússia para estudar em Roma e copiar a “Transfiguração” de Raphael para o imperador. Apesar do desejo do casal em assumir o noivado antes da viagem, os pais de Fanny não o permitem e proíbem até mesmo o contato por cartas. Essa proibição não se estende a cartas enviadas aos pais de Fanny, mais exatamente à sua mãe. Dessa maneira eles mantêm o namoro, Wilhelm escrevendo para Lea, que lia as cartas para a filha e respondia dando notícias da família e de Berlim durante os 5 anos que ficaram separados. Foi assim que além de alimentar o amor por Wilhelm surgiu o amor e o anseio por conhecer e morar em Roma.

Fanny se casa com Wilhelm Hensel em 3 de outubro de 1829, ocasião em que ela mesma compõe a música para o casamento (HENSEL, 2002, p. 24). Os pais adaptam um apartamento na casa de jardim da propriedade para receber os noivos, construindo uma sala de música para Fanny e um ateliê para Wilhelm. Seu marido, que era totalmente incapaz de emitir qualquer nota afinada sempre foi seu maior apoiador, incentivando-a e apoiando-a em seus anseios como compositora, maestrina e pianista.

Um ano após o casamento, Fanny dá à luz ao seu único filho, Sebastian e em suas cartas se queixa do isolamento e da falta de ideias para compor. Ela lamenta que os afazeres de mãe e esposa a impeçam de ser quem ela gostaria de ser.

Fanny passa os próximos anos de seu casamento organizando os Saraus Dominicais, compondo e ajudando o irmão na revisão de suas partituras. Aproveitando a liberdade que o casamento lhe deu, já que o marido sendo artista a compreende e incentiva, ela se sente livre para seguir seu caminho como compositora, mas sempre dentro do que era permitido a uma mulher da alta sociedade. Eva Weissweiler comenta que se Fanny tivesse nascido pobre e tivesse que lutar por seu sustento, teria se tornado uma artista tão conhecida quanto Clara Schumann (WEISSWEILER, 1982, p. 7).

Em setembro de 1839, Fanny realiza seu sonho de adolescente e parte de carruagem com o marido Wilhelm, o filho Sebastian de 9 anos, e a cozinheira Jette para Roma. Essa viagem, apesar de cansativa, perigosa e muito difícil é a realização de um sonho.

2. A Viagem

O presente relato da viagem a Roma é baseado principalmente nas cartas trocadas entre Fanny e seus familiares. A família Mendelssohn tinha a tradição de escrever sobre o seu dia a dia e estas cartas eram lidas por toda a família, copiadas e guardadas. Elas foram reunidas por Sebastian Hensel em livros, ao todo 3 volumes. As cartas e diários que foram escritas na viagem foram selecionados por Eva Weissweiler e publicadas como livro – *Fanny Mendelssohn Italienisches Tagebuch*.

A viagem se inicia em Berlim – Alemanha em setembro de 1839, portanto no outono e terá a duração de 1 ano, quando a família volta em setembro de 1840 para a Leipzigerstraße. Eles viajam de carruagem, que era a maneira mais confortável na época e ao contrário de outros viajantes eles gozam do conforto de hospedarias e empregados para servi-los. Fanny muitas vezes reclama das instalações e empregados que os recebem na Itália, deixando transparecer a rica filha de banqueiro que era. Em diversas cartas ela menciona o fato

das ruas na Itália serem sujas e os monumentos malcuidados, sem ter noção da situação política que a Itália estava vivendo.

Após a queda de Napoleão, o Congresso de Viena decide que as dinastias que detinham o poder antes das guerras napoleônicas deveriam reassumir esses territórios. Sendo assim, quando Fanny chega ao norte da Itália, esta está sob o domínio do Império Austríaco, sofrendo todo o tipo de problema que uma nação subjugada pode ter. Somente no final da viagem, quando eles estão voltando à Alemanha, ela conhece o Conde Federico Confalonieri e entenderá toda a situação.

A família viaja com cartas de apresentação e recomendações para conhecerem diferentes artistas nas várias cidades pelas quais passariam. A primeira parada dessa grande viagem é Munique, no reino da Baviera (a Alemanha ainda era dividida em vários reinos, cuja unificação só se dará em 1871). Wilhelm Hensel visita Cornelius, pintor que fazia parte da Academia de Belas Artes de Munique e era representante do Movimento dos Nazarenos.⁴ Fanny conhece a pianista e compositora Delphine Handley e fica impressionada com a sua capacidade como musicista. Para ela, conhecer uma mulher com as mesmas capacidades e ambições era um grande incentivo, uma grande realização. Eles permanecem durante 14 dias na cidade, tempo suficiente para conhecer a nova Baviera, que segundo ela era um grande canteiro de obras, devido a megalomania de Ludovico I (1825–1848).

Fanny escreve para o irmão lhe relatando todos os episódios e como tiveram que sair da cidade antes que o clima de outono prejudicasse a travessia das montanhas em direção à Itália. A viagem pelo Tirol exigia que a carruagem atravessasse o Passo do Stelvio, uma estrada construída em 1820, chegando a 2757 m de altitude. Era uma subida de 6 horas para atingir o ponto mais alto, antes de iniciar a descida em direção à Itália.

Chegando à Itália, o tempo muda, mostrando que o outono havia realmente chegado e os castiga com 3 dias de chuva. Todo o caminho é descrito nas cartas ao irmão Felix nos mínimos detalhes. São várias páginas, descrevendo paisagens, odores, o encantamento com as construções em pedra, as frutas e impressões em geral, possibilitando ao leitor vivenciar e acompanhar a viagem.

Eles seguem pelos lagos, por Como até Milão, onde acontece sua primeira decepção: todas as pessoas que ela gostaria de visitar estão fora da cidade. Por causa das chuvas, as ruas estão enlameadas e ela se decepciona com a sujeira na cidade e com a falta de cuidado com os monumentos históricos, pelos motivos que ela não entende, como descrito acima. Como típica cidadã prussiana, alienada ao que acontecia politicamente no resto do mundo, (WEISSWEILER, 1982, p. 20,21) ela se sente mal com a desorganização, relatando em seu

diário: “Até agora: mendigo nenhum, pulgas poucas, sujeira por toda parte” (tradução minha).⁵ Para piorar a situação, Sebastian fica doente, catapora.

Eles seguem a viagem passando por Verona, Brescia, Vicenza e Pádua. Em todas elas o estado deplorável dos monumentos a impressiona.

Eles chegam a Veneza no dia 12 de outubro de 1839 e toda a sua frustração se esvai. Ela descreve a chegada como sendo mágica, cheia de encantamento, admiração, emoção e alegria. Quanto à conservação dos monumentos, ela fica admirada com o contraste em relação às outras cidades que visitou. Na carta à família, descreve cada palácio e cada pintura, dando sua opinião sobre cada artista e sua obra, mostrando seu espantoso conhecimento cultural.

Aqui Fanny começa a se sentir verdadeiramente na Itália dos seus sonhos. Segundo a pesquisadora Susanne Wosnitzka (WOSNITZKA, 2020), ela escreve a canção “Gondellied” opus 1, nº 6 (Canção da Gôndola), quando, ao olhar para a Laguna, ouve o mar batendo nas gôndolas ao luar. Além da poesia de Emanuel von Geibel, podemos perceber a reprodução do movimento das ondas no acompanhamento do piano:

Ó vem a mim, quando na escuridão o exército de estrelas está a flunar.
Então, sob a lua com seu dourado clarão, a gôndola nos balança sobre o mar.
O ar é leve tal qual um gracejo de amor, suavemente brinca o raio em seu fulgor.
A cítara soa e teu coração carrega, para dentro do prazer te leva.
Ó vem a mim, quando na escuridão o exército de estrelas está a flunar.
Então, sob a lua com seu dourado clarão, a gôndola nos balança sobre o mar.

Esta é a hora para o abençoado amor. Meu amorzinho venha comigo contemplar.
Tranquila está a celestial abóboda em seu fulgor, dorme o azul do mar.
Enquanto está a dormir, os olhos expressam aquilo que os lábios não confessam.
O olhar não se desvia, a alma não se distancia.
Ó vem a mim, quando na escuridão o exército de estrelas está a flunar.
Então, sob a lua com seu dourado clarão, a gôndola nos balança sobre o mar.
(GEIBEL, 1838). (Tradução minha)⁶

25

Mon - despracht die Gon - del ü - bers Meer, dann schwebt mit
'mon - des-pracht di: 'gön - däl 'y: - bers me:r dan fvept mit

leggiero

Exemplo 1: Gondellied - Opus 1 nº 6

No dia 4 de novembro eles retomam a viagem em direção a Pádua, agora sob chuva torrencial, seguindo para Rovigo, onde são informados que a travessia de balsa do rio Pó é

impossível dada a situação das águas. O cardeal de Ferrara proibira a travessia do rio, apesar dos moradores locais e ela mesma acharem possível. Eles se veem obrigados a permanecer em Rovigo aguardando a normalização da situação, já que ninguém tem coragem de desobedecer aos cardeais. No dia 07 eles voltam à margem do Pó, apesar do rio estar mais cheio que nos dias anteriores. Ainda não há ninguém que queira levá-los, quando vem a ordem de que a travessia estaria liberada a quem pagasse 26 florins ao invés de 3, que era o preço antes da suspensão da travessia.

Assim eles conseguem chegar à Florença, onde o encantamento com as pinturas nos museus continua. Passando por Orvieto, seguem caminho para Roma, chegando lá em 26 de novembro de 1839.

3. Roma

Apesar do temor de não conseguir uma moradia em Roma, eles alugam sem dificuldade um apartamento de 4 cômodos e totalmente mobiliado na Via del Tritone, Piazza Barberini, segundo o relato de Fanny em sua carta à família (HENSEL, 1879).

Wilhem logo se adapta, procurando os antigos amigos, já que é bastante conhecido e reconhecido como artista na cidade. Alguns dias após a chegada, Fanny faz sua primeira apresentação como pianista na casa do Cavaliere Landsberg. Em seu diário, deixa bem claro que nem essa apresentação, nem qualquer outro acontecimento a deixa feliz e animada, ela se sente deslocada e entediada. Tentando se adaptar aos costumes da cidade, começa a frequentar os diversos serviços religiosos que Roma tem a oferecer, começando pela Capela Sistina. Habituada à Igreja Reformada com sua tradição inclusiva, isto é, sem separar homens e mulheres, esta será sua primeira surpresa, a segunda será a música. Acostumada à música religiosa de Bach e aos grandes coros da tradição germânica, a música do Vaticano a decepciona. Ela descreve a missa como algo tedioso, longo, com cantores desafinados, coros sem expressividade numérica, péssimos organistas, cardeais com vozes trêmulas e, no caso da Capela Sistina, “as mulheres são obrigadas a ficar atrás de uma grade, a uma grande distância sem poder ver nada da diversão,” (tradução minha)⁷ ainda mais sendo míope como era seu caso. Ela transcreve as músicas cantadas nas missas, das ladainhas dos cardeais às respostas do coro, sempre fazendo alguma observação quanto à melodia e harmonia. Transcreve inclusive o Miserere de Allegri e o envia ao irmão Felix, com uma observação curiosa, dizendo que eles iniciam em si-menor, caindo a afinação a cada estrofe e terminando bem grave.

O sentimento de tédio a acompanhará nas primeiras semanas, enquanto ela permanece junto à colônia alemã, frequentando as missas, reuniões e palestras de arqueólogos

e todo tipo de intelectuais. Somente quando ela se liberta dessa sociedade, sua vida em Roma começará realmente.

Ela conhece Jean-Auguste-Dominique Ingres, pintor francês e diretor da Academia Francesa em Roma, a Villa Medici e 3 estudantes da Academia que se tornarão seus verdadeiros amigos e grandes admiradores: Dugasseau, pintor, Gounod e Bousquet, ambos compositores ainda desconhecidos. A partir desse momento Fanny “deixa de ser uma prussiana séria, com complexo de ser feia e seu medo de falhar como compositora” (WEISSWEILER, 1982, p. 24) e se deixa adular pelos franceses, que a admiram sem precedentes. Juntos, Fanny, Wilhelm, Dugasseau, Gounod e Bousquet percorrem as ruas e parques de Roma noite e dia tal qual estudantes fazendo piqueniques, compondo, pintando e cantando pelas ruas. Ela se sente valorizada ao ser reconhecida como compositora e pianista. Quando se liberta da rigidez da educação alemã, da sociedade patriarcal em que foi criada e da culpa do ócio (algo impensável para ela em Berlim) ela se torna mais criativa.

“Eu também estou escrevendo bastante agora; nada me encoraja mais do que reconhecimento, enquanto a desaprovação me tira o ânimo e me deprime. Gounod está apaixonado por (minha) música, como eu nunca vi. Minha pequena peça veneziana o agrada sobremaneira...” (WEISSWEILER, 1982, p. 93) (tradução minha)⁸



Figura 1: Bousquet, Gounod e Dugasseau
(Desenho de Wilhelm Hensel)

O encontro com Gounod será marcante tanto para Fanny quanto para ele. Ambos sairão enriquecidos pela relação de amizade e admiração (mais por parte dele que dela, que o considera bastante imaturo como compositor). Gounod será apresentado à música de Bach, que ele não conhecia e que o influenciará em muitas composições, como ele mesmo confessa em suas memórias. Ele cita inclusive que algumas “Canções sem Palavras” publicadas no livro de piano de seu irmão, são na verdade dela (GOUNOD, 1896, p. 130, 131). Fanny encontra nele um amigo e admirador que da mesma forma a influencia, mostrando a ela a liberdade para compor e se estabelecer como compositora. Eles voltarão a se encontrar em Nápoles e na Alemanha em abril 1843, quando Gounod a visita em Berlim, chegando de surpresa.

“Madame Henzel [sic] era uma musicista de primeira linha, notável pianista, mulher de um espírito superior, pequena, esguia, mas com uma energia que se percebia em seus olhos profundos e em seu olhar inflamado. Ela tinha um raro talento como compositora, e é a ela que se devem várias melodias sem palavras (*Canções sem Palavras*) publicadas na obra para piano e sob o nome de seu irmão. Sr. e Sra. Henzel [sic] costumavam vir domingo à noite à Academia; Madame Henzel [sic] sentava-se ao piano com graça e com a simplicidade de pessoas que fazem música porque amam e, graças a seu excelente talento e sua memória prodigiosa, fui iniciado em uma série de obras-primas da música alemã que eram, naquela época, absolutamente desconhecidas para mim; entre outros, uma quantidade de peças de Sebastian Bach, sonatas, fugas e prelúdios, concertos e um sem número de composições de Mendelssohn que me foram a revelação de um mundo desconhecido.”⁹ (GOUNOD, 1896, p. 130,131) (tradução minha)

Em 31 de maio Ingres organiza um concerto de piano para ela na Academia Francesa, somente para convidados, inclusive sua amiga Charlotte Thygeson, pianista norueguesa que conhece em Roma. É sua despedida de Roma, por mais que isso a entristeça. Eles partem no dia 02 de junho em direção a Nápoles, após duas noites de muitos passeios pelos jardins de Roma, em companhia dos amigos franceses.

4. A volta para casa

Bousquet acompanha a família na primeira fase da viagem indo até Genzano. Eles seguem para Nápoles, onde permanecem durante um mês hospedados em um apartamento de frente para o mar. Lá ela encontra Pauline Viardot, como narra à sua mãe em uma de suas cartas. Eles realizam diversas excursões, para Ischia, Capri, Amalfi, Sorrento e Pompéia. Sobem o Vesúvio a cavalo, chegam a pé bem perto da cratera, veem a lava, sentem o cheiro de enxofre, sentem a fumaça e descem a montanha já no escuro. Tudo a diverte e ela aproveita cada momento. Wilhelm ainda vai até a Sicília para pintar as paisagens e ela fica em Nápoles com o filho por 19 dias esperando sua volta. Durante esse tempo, Gounod e Bousquet a visitam.

No dia 10 de agosto chega a hora de voltar para a Alemanha. Eles saem de navio em direção a Gênova com tempo bom, mas logo o tempo muda e ela pela primeira vez nessa viagem escreve em seu diário sobre o medo que teve durante os 4 dias de travessia.

Eles retornam por Bellinzona e é lá que ela entenderá toda a situação política da Itália, e conseqüentemente a insatisfação da população, as ruas lamacentas e os monumentos degradados, quando ela conhece o Conde Federico Confalonieri, um revolucionário que ficou 15 anos preso pelo governo austríaco. O conde está hospedado no mesmo local e eles o conhecem na hora do jantar, quando este narra sua história como líder dos *Carbonari*,¹⁰ em defesa da independência do norte da Itália do domínio austríaco e seu sofrimento como preso político. O casal fica impressionado com o relato, Wilhelm pinta um retrato do conde e Fanny termina a narração com a seguinte frase em seu diário: “E homens assim a Áustria trata dessa maneira!” (tradução minha)¹¹ (KLEIN e ELVERS, 2002, p. 191).

A viagem continua atravessando a Suíça, subindo e descendo as montanhas, passando por Urseren, onde a carruagem perde o freio e eles são obrigados a descer a montanha a pé durante a noite. Já na Alemanha, eles passam por Münster e seguem para Berlim chegando em casa em setembro de 1840.

A última anotação feita no diário de viagem de Fanny é bastante curta, somente relatando a situação política não muito agradável que se desenrola e mencionando o frio e a chuva.

5. Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo situar o leitor na sociedade e costumes que cercavam as mulheres instrumentistas e compositoras no século 19. A viagem que Fanny realizou 10 anos após seu casamento foi a libertação do domínio do patriarcado, daí a importância na sua vida como musicista. Ela inicia a viagem como típica prussiana cheia de regras e deveres, mas aprende a ser menos formal, ao se libertar da sociedade alemã em Roma. Ao conhecer os estudantes franceses, ser reconhecida como compositora e reverenciada como pianista, Fanny dá um passo decisivo em direção ao seu maior sonho, ver suas obras publicadas.

Quando ela decide publicar suas primeiras obras, opus 1 a 7, ela não pede mais autorização ao irmão Felix, o qual assumiu o lugar de seu pai após a morte deste, mas comunica sua decisão. Numa época em que as mulheres sempre deviam obediência a alguma figura masculina, fosse o pai, o irmão ou o marido, isso mostra como ela havia mudado.

Referências

ARAÚJO, F. **Carbonária**. Sítio da internet. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociedades-secretas/carbonaria/>. Acesso em: 28 de dezembro de 2021.

GEIBEL, E. **Gondellied**. Sítio da internet. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=Rgo7EAAAQBAJ&pg=PA52&lpg=PA52&dq=gondellied+geibel&source=bl&ots=yUpkx2CtIu&sig=ACfU3U1EP44hL0VIsOjc46eoHgWmBWoQnw&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKewio_YHytvP0AhUYqpUCHRiFAeUQ6AF6BAgKEAM#v=onepage&q=gondellied%20geibel&f=false. Acesso em: 20 de dezembro de 2021.

GOUNOD, C. **Mémoires d'un artiste**. Paris: BnF Gallica, 1896, págs. 130, 131.

HENSEL, F. **Tagebücher**. Wiesbaden: Breitkopf&Härtel, 2002.

HENSEL, S. **Die Familie Mendelssohn**. Berlin: E. Bock, v. 2, 1879.

HENSEL, S. **Die Familie Mendelssohn**. 6. ed. Berlin: B. Behr's Verlag, v. 1, 1888.

WEISSWEILER, E. **Fanny Mendelssohn Italienisches Tagebuch**. Frankfurt: Frankfurter Societäts-Druckerei GmbH, 1982.

WOSNITZKA, S. *In*: ZKM. **ZKM Center for Art and Media Karlsruhe**. 2020. Disponível em: <https://zkm.de/en/media/video/feminale-der-musik-live-interview-ueber-die-komponistin-fanny-hensel-und-musica-femina-muenchen-mit>. Acesso em: 15 de abril 2020.

KLEIN, H.-G.; ELVERS, R. **Fanny Hensel Tagebücher**. Wiesbaden: Breitkopf & Härtel, 2002.

Notas

¹ Opto por escrever os nomes das cidades e países na grafia e tradução para o português.

² „Wir haben Euch, Dich und Deine Geschwister, im Christenthum erzogen, weil es die Glaubensform der meisten gesitteten Menschen ist und nichts enthält, was Euch vom Guten ableitet, vielmehr Manches, was Euch zur Liebe, zum Gehorsam, zur Duldung und zur Resignation hinweist, sei es auch nur das Beispiel des Urhebers, von so Wenigen erkannt, und noch Wenigeren befolgt.“

³ „Die Musik wird für ihn [Felix] vielleicht Beruf, während sie für Dich stets nur Zierde, niemals Grundbaß Deines Seins und Tuns werden kann und soll.“

⁴ O movimento dos nazarenos pretendia reviver a espiritualidade da arte cristã

⁵ „Bis jetzt: Bettler keine; Flöhe wenige, Schmutz bis über beide Ohren.“

⁶ O komm zu mir, wenn durch die Nacht wandelt das Sternenheer,
Dann schwebt mit uns in Mondespracht die Gondel übers Meer.
Die Luft ist weich wie Liebesscherz, sanft spielt der goldne Schein,
Die Zither klingt und zieht dein Herz mit in die Lust hinein.
O komm zu mir, wenn durch die Nacht wandelt das Sternenheer,
Dann schwebt mit uns in Mondespracht die Gondel übers Meer.

Dies ist für sel'ge Lieb' die Stund, Liebchen, o komm und schau,
So friedlich strahlt des Himmels Rund, es schläft des Meeres Blau.
Und wie es schläft, so sagt der Blick, was nie die Lippe spricht,
Das Auge zieht sich nicht zurück, zurück die Seele nicht
O komm zu mir, wenn durch die Nacht wandelt das Sternenheer,
Dann schwebt mit uns in Mondespracht die Gondel übers Meer.

⁷ „...; wir müssen hinter einem Gitter sehr weit absitzen,...bekommt von dem ganzen Spaß nichts zu sehn...“

⁸ „Ich schreibe auch jetzt viel; nichts spornt mich so als Anerkennung, wogegen mich der Tadel mutlos macht und niederdrückt. Gounod ist auf eine Weise leidenschaftlich über Musik entzückt, wie ich es nicht leicht gesehn. Mein kleines venezianisches Stück gefällt ihm außerordentlich...“

⁹ « Henzel était une musicienne hors ligne, pianiste remarquable, femme d'un esprit supérieur, petite, fluette, mais d'une énergie qui se devinait dans ses yeux profonds et dans son regard plein de feu. Elle était douée de facultés rares comme compositeur, et c'est à elle que sont dues plusieurs melodies sans paroles publiées dans l'oeuvre de piano et sous le nom de son frère. M. et madame Henzel venaient souvent aux soirées du dimanche, à l'Académie; madame Henzel se mettait au piano avec cette bonne grâce et cette simplicité des gens qui font de la musique parce qu'ils l'aiment, et, grâce à son beau talent et à sa prodigieuse mémoire, je fus initié à une foule de chefsd'oeuvre de la musique allemande qui m'étaient, à cette époque, absolument inconnus entre autres, quantité de morceaux de Sébastien Bach, sonates, fugues et préludes, concertos, et nombre de compositions de Mendelssohn qui furent pour moi autant de révélations d'un monde ignoré. »

¹⁰ Movimento originado na Itália no começo de 1800, atuou como uma sociedade revolucionária e oculta em países da Europa como Espanha, França e Itália no período que compreende os séculos XIX e XX. Acreditava em valores liberais e era notavelmente marcada pelo anticlericalismo. (ARAÚJO, 2021)

¹¹ „Und solche Männer behandelt Österreich so!“